



## O SONHO COMO CAMINHO DE RETORNO PARA A TERRA

LILA DEVA SERRANO SILVA

# O SONHO COMO CAMINHO DE RETORNO PARA A TERRA

DREAMS AS A WAY BACK TO EARTH

LILA DEVA SERRANO SILVA<sup>1</sup>

[lila.deva.lila@gmail.com](mailto:lila.deva.lila@gmail.com)  
<https://orcid.org/0009-0006-7108-2471>

## Resumo

Este trabalho investiga fundamentalmente o sonho como uma dimensão atemporal em que é possível conceber experiências de liberdade radical ao transpor as imagens dos cenários oníricos para a pintura. Apresento pensamentos e fabulações que partem de uma sequência de sonhos catastróficos localizados no ambiente urbano, juntamente com os caminhos elucidativos que busquei para explicar a invasão dessas imagens em minha psique. Compreendo o início da gestação dessas imagens no mundo colonial, estendendo-se pela modernidade, por meio das ficções de futuro, invadindo universos internos e externos. Como meio de contrapor a lógica civilizatória ocidental dominante, recorro a perspectivas temporais não ocidentais e utilizo a guiança do pensamento ameríndio referente a tecnologias oníricas, dialogando principalmente com pensadores como Ailton Krenak, Leda Maria Martins e Malcom Ferdinand.

**Palavras-chave:** Distopia. Modernidade. Ficções. Futuro. Sonhos.

## Abstract

*This work fundamentally investigates the dream as a timeless dimension, where it is possible to conceive experiences of radical freedom by transposing the images of oneiric scenarios into the arts. I present thoughts and fabrications that start from a sequence of catastrophic dreams located in the urban environment, together with the elucidative paths I sought to explain the invasion of these images into my psyche. Understanding the beginning of the gestation of these images in the colonial world, extending into modernity and through fictions of the future, invading our internal and external universes. As a means of countering the dominant logic of civilization, I turn to non-Western temporal perspectives and use the guidance of Amerindian*

---

<sup>1</sup> Lila Deva (Recife-PE, 1997) é uma artista plástica formada em Artes pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e atualmente mestrandona em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Sua obra explora o trânsito entre o onirismo e a arqueologia dos imaginários pré-coloniais.

*thought regarding oneiric technologies, dialoguing mainly with thinkers such as Ailton Krenak, Leda Maria Martins and Malcom Ferdinand.*

**Keywords:** *Dystopia. Modernity. Fictions. Future. Dreams.*

## Introdução

As imagens do futuro construídas pelo pensamento ocidental moderno invadiram as possibilidades históricas da Terra, tornando a estética do tempo presente e provável futuro lisa, higienizada<sup>2</sup> e a-histórica: o futuro metálico.

Na prática de suspender cosmovisões alternativas, centradas no continente africano e em Aby Ayala,<sup>3</sup> ancorada nos valores de retorno à terra por meio da tecnologia do sonho, se imbui o ato da permanência. O sonho transporta nossos barcos em direção a esse organismo, evidenciando a urgência de não aceitar o molde dado às imagens que dominam nosso inconsciente, essas mesmas geradas por mentes responsáveis por perpetuar a invasão. O ambiente interior psíquico também é território a ser resguardado e descontaminado.

Esse recurso biológico e planetário é fundamentado no retorno à terra, os povos ancestrais têm dito, os povos originários têm dito; resolvi entrar na roda, vou falar também. Se o sonho é guia, a imagem é um mapa.

Ao abordar o onirismo como possibilidade de transgressão do tempo ocidental, bem como prática que proporciona ao sonhador acesso a camadas múltiplas de armazenamento de informações, meu desejo central é perspectivar o sonho como epistemologia e laboratório de criação artística.

Por meio de lógicas temporais não hegemônicas, passando entre os tempos espiralares de Leda Maria Martins e as noções de tempo mítico e social Sasa e Zamani entre alguns povos na África oriental e central, encontro, pela utilização dessas proposições, brechas para visualizar o sonho como ferramenta transgressora da linearidade, transformando esse

<sup>2</sup> A "sociedade higienizada" de acordo com o filósofo Byung-Chul Han é aquela que busca evitar conflitos, emoções intensas e qualquer forma de desordem ou sujeira, tanto no sentido literal quanto metafórico. Isso se reflete na arquitetura, nas relações interpessoais e até na forma como lidamos com a informação e a comunicação.

<sup>3</sup> Abya Yala ou Abiayala é denominação histórica do continente americano na língua kuna, que significa "terra em plena maturidade" ou "terra de sangue vital". No século 21, o termo passou a ser utilizado por diferentes organizações e comunidades indígenas de todo o continente para substituir a designação eurocêntrica "América" (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Aby>).

espaço dimensional em campo de afetações para captação de imagens, símbolos, experiências e medos.

Os medos se mostram quando as águas invadem esse território. São manifestações destrutivas, em que o império de metal e concreto é cenário central. Passei a buscar alternativas de produção artística utilizando esse material onírico disponível. Esses escritos elucubram também sobre a maleabilidade da matéria onírica quando regida pelos desejos de transpor imagens positivas<sup>4</sup> para o mundo.

### **Não quero criar ficções de fim, não vou criar maus presságios do futuro**

As paisagens metálicas entraram pela minha retina e invadiram os cenários do meu interior; agora estão por todas as partes. Os microrrobôs e as estruturas de concreto ocupam toda paisagem. Esse mundo invadiu os meus sonhos, e agora tenho tentado me descontaminar (Meu diário, 23 jun. 2023).

Neste primeiro momento, busco trazer o encontro entre linhas de pensamento que confluem hipoteticamente para uma direção semelhante. Uma conversa entre as ideias fundamentadas por Ailton Krenak e Byung-Chul Han auxilia na visualização de leituras de mundo alternativas que possam encobrir o futuro de catástrofes que têm sido arquitetadas pelos homens brancos obcecados pelo metal. Da vanguarda futurista aos filmes de ficção científica da vida real que infectaram até os lugares mais profundos do ser colonizado, invadindo as imagens internas ao se manifestar nas cenas dos sonhos ou nos desejos.

Nos resíduos futuristas evidentes na distopia contemporânea, com valores provenientes da urbis, da modernização dos meios, assim como a ascensão de ideais fascistas que constroem a base estética desse movimento. A humanidade moderna está imersa em valores que sobrepõem qualquer organicidade no que se refere à temporalidade

<sup>4</sup> Michel Maffesoli (1988) define o "imaginário" como o conjunto de imagens, mitos e representações coletivas que influenciam e moldam a percepção da realidade em uma sociedade. O "Imaginário Positivo" seria, então, um aspecto desse conjunto de imagens que valoriza e destaca aspectos construtivos, esperançosos e edificantes da experiência humana.

cíclica, natural do planeta habitado. Unindo o anseio da colonização de outros planetas à conversão de todo e qualquer recurso natural em produtos consumíveis, humanos hiperprodutivos, carros supervelozes, realidade hipervigiada, é fabricada a humanidade do futuro. Esses são cenários crescentes, já visualizados durante o século 19. No decorrer das décadas posteriores, essa estética dominou os filmes e meios de comunicação, em um imaginário inevitável de futuro planetário que em nada se diferencia dos valores propostos pelo Movimento Futurista encabeçado por Marinetti (1909).

Em consequência do levantamento programado do mundo ideal pensado pelo homem ocidental, se ergue um confronto com um império metálico escavando o fundo da terra em lugares nunca antes tocados, fazendo ruir o mundo dos periferizados. Dessa forma, as bases constituintes do tempo foram contaminadas por ideias hegemonizadas, afetando, além de tudo, nossos esquemas corporais e mentais através do olhar, assim como as imagens da vida e dos sonhos.

Tudo que existe parte inicialmente dos desejos; importante visualizar o mundo em que vivemos traçando os corpos, mentes ou corporações que o almejavam para que hoje ele se faça real. Um astro inteiro foi dominado não se fazendo suficiente para suprir ambições inesgotáveis; é preciso colonizar outros corpos celestes, de Marte à Lua ou o mais profundo abismo oceânico. A ocupação de tudo que se pode escavar, esburacar, escancara a raiz fascista que Marinetti representou instaurada diante de nossos olhos. Na atração viciosa pelas luzes emitidas por eletrônicos, na negação das histórias orais dos povos da terra que se reflete na incapacidade de conviver com os ministérios intrínsecos à vida, à natureza, veja bem:

Nós estamos no promontório extremo dos séculos!... Por que haveríamos de olhar para trás, se queremos arrombar as misteriosas portas do Impossível? O Tempo e o Espaço morreram ontem. Nós já estamos vivendo no absoluto, pois já criamos a eterna velocidade onipresente (Marinetti 1909, tópico 8).

A estética do liso, à qual Byung-Chul Han (2019, p. 8) se refere ao descrever os celulares ou uma categorização de elementos que

caracterizam a estética sem negatividades, muito faz recordar a construção futurista e metálica dos filmes de ficção científica, as cidades que estão sendo projetadas para o futuro. Baseia-se em uma estética perfeita que aparenta buscar, de fato, a ausência da negatividade, na construção de um mundo sem supostos defeitos ou falhas que possam promover descontentamentos a uma categoria de seres humanos emocionalmente deficientes.

Esses espaços estão sendo materialmente gerados, projetados de modo rápido para um futuro breve. The Line,<sup>5</sup> conhecida como “A Cidade Neon”, é exemplo megalomaníaco de cidade do futuro que já está sendo erguida no território da Arábia Saudita, uma proposta ilusionista que promete ausência total de emissão de carbono em 170km de comprimento, 200 metros de largura e 500 de altura. Um ambiente completamente programado por IAs capazes de proporcionar até mesmo o controle climático total em meio a um deserto. Além disso, o que não surpreende, são planos de turismo luxuoso dentro de um ambiente de ficção científica com hotéis, aeroportos e lojas de grife. Isso explicita o quanto esses maquinários estão muito mais inseridos no futuro-presente da humanidade do que nossa capacidade de acompanhar criticamente. O nome dado a esse projeto de cidade, The Line, é ilustração perfeita da representação simbólica do tempo histórico para o Ocidente, como se aplica o pensamento direcionado às vidas não humanas e se demarcam os territórios. Sob um ponto de vista similar, Krenak evidencia em seu pensamento o quanto o *modus operandi* do Ocidente se relaciona com o planeta e toda vida integrada como um grande jogo de poder.

O planeta está nos dizendo: “Vocês piraram, se esqueceram quem são e agora estão perdidos achando que conquistaram algo com os brinquedos de vocês”. Pois a verdade é que tudo que a técnica nos deu foram brinquedos. O mais sofisticado que conseguimos é esse que bota gente no espaço; e também o mais caro. É um brinquedo que só dá para uns trinta, quarenta caras brincarem. E, claro, tem uns bilionários querendo brincar disso. O que me faz pensar que essa humanidade imaginária, além de ter uma tremenda infantilidade espiritual,

---

<sup>5</sup> <https://www.archdaily.com.br/br/990910/the-line-cidades-lineares-nao-fazem-o-menor-sentido>.

não consegue tecer críticas sobre a sua história. História que, na maioria das vezes, é uma vergonha (Krenak, 2022, p. 66).

Quando transporto essa informação, tenho o intuito único de evidenciar o que estou chamando de “estética do metal”, que se aproxima do que Byung-Chul Han nomeia como uma visualidade lisa. É evidente que estamos sendo movidos pelas mesmas engrenagens conservadas desde 1500, configurando-se na atualidade como a ideia de que a tecnologia pode suprir todos os problemas gerados pelo ser humano, uma lógica característica do denominado Antropoceno. Certamente, essa é uma ficção que coletivamente precisamos contrapor com cenários de mundo que não reajam às designações naturais como amarras que precisam ser desfeitas, para uma suposta sensação de liberdade ilusória ao se imunizar da ação do tempo.

Por isso, o mistério característico da terra, regida pela ciclicidade, torna necessária a adaptação marcante na trajetória de todas as espécies, sendo maleável ao viver de acordo com as leis da natureza. Contrário a isso, está a previsibilidade do que é sistematizado com o intuito de ser operacional. A arquitetura de um império etnocêntrico que não sabe coexistir com o divergente, incluindo as formas de vida não humanas, declara um estado ameno e solitário. Essas são lógicas divergentes que operam a existência, delimitando todos os espaços que ocupamos como seres complexos vivendo em teias que nos vinculam ao outro e a todos os impactos em uma só escala.

Considero ser passível de associação, no nível de ideia, a caracterização da beleza feita por Byung-Chul Han (2019 p. 49), “O belo é o objeto em seu invólucro”, definido pelo velamento, ou seja, aquilo que se encontra encoberto em mistérios, oculto sob camadas de segredos, o que se opõe ao liso. De modo semelhante, se configuram os conhecimentos que promovem o bem-viver<sup>6</sup> dos coletivos localizados

<sup>6</sup> O bem-viver é uma cosmovisão que propõe um modo de viver em harmonia com a comunidade, a natureza e consigo mesmo. Ao contrário dos modelos de desenvolvimento ocidentais tradicionais, que muitas vezes focalizam o crescimento econômico e a exploração dos recursos naturais, o bem-viver enfatiza a sustentabilidade, a justiça social e a convivência equilibrada.

sobre a terra. Esses que observam o movimento das águas, o deslocar das paisagens de acordo com o trajeto orbital dos astros, o caminho das estrelas que trazem a constante curiosidade associada ao encantamento diante da vida presente, em tudo diante dos olhos.

Por que não teria Byung afirmado sua descrição do belo ao observar paisagens em seus microdetalhes com atenção e tempo estendido; detectando com o olhar o que fica “além da representação do imediato”? Essa negatividade imbuída ao belo é justamente o ocultamento, o segredo, o que pode ser visto como sujo pela humanidade servil da civilização colonial, que tem seu olhar viciado no liso, no instantâneo e higienizado.

Em síntese, intento expor o desligamento diante do tempo orgânico, característico do planeta que habitamos, como reflexo das dinâmicas modernas artificializadas que vêm sendo engendradas pelo capitalismo imperialista. Acima de tudo, advindo dos valores hegemônicos instaurados, movido pela intolerância à diversidade. Essa dicotomia entre a estética lisa do metal e a beleza oculta da natureza revela um conflito fundamental no formato em que a ocidentalidade se relaciona com a vida. Enquanto as estruturas metálicas e futuristas nos envolvem cada vez mais, é urgente redirecionar o olhar para a terra, de modo a resgatar a conexão perdida com os ciclos naturais e os ensinamentos ancestrais.

## **A destruição do futuro pelo Ocidente**

Alguns de nós têm o hábito de pensar que a mulher é o Nègre do mundo, que a pessoa de cor é o Nègre do mundo, que a pessoa pobre é o Nègre do mundo. Mas, na verdade, é a própria terra que se tornou o Nègre do mundo (Walker, 1982, p. 222).

A partir daqui, proponho-me a discutir a ruptura com a natureza decorrente da invasão colonial, utilizando a obra de Malcolm Ferdinand como guia, que, mais uma vez, se alinha ao pensamento de Ailton Krenak. Quando menciono o distanciamento da linguagem da terra resultante da diáspora, incluo as tecnologias por ela proporcionadas, como os sonhos,

que têm sido tema desses escritos. O mundo colonial é concebido para preservar um modo de vida hegemônico, porém todas as formas de vida têm o direito de perpetuar-se. Por isso, é nosso trabalho coletivo ou individual operar como contracorrente, descobrindo tecnologias que preservem nossas imagens e modos de vida ancestrais, para que essas histórias possam ser registradas no tempo, revividas nos corpos e enriquecer os imaginários de futuros férteis.

Ao examinar as produções fictícias cinematográficas criadas pela mentalidade ocidental, é perceptível a evolução da estética do desastre e o quanto ela foi naturalizada ao longo das últimas décadas. A negação dos imaginários positivos do período pré-colonial, que os arquivos humanos conservam, está se dissipando gradualmente devido ao genocídio contínuo, o que nega, consequentemente, o direito dos agrupamentos de permanecer em seus territórios de origem ou de resistência. Essa dinâmica é empregada com diferentes estratégias de imposição hostil, reduzindo o conjunto de referências sobre o bem-viver e limitando as possibilidades de escapar desse adoecimento generalizado.

É na estética lisa e servil dos robôs, substituindo a mão de obra escravizada da base proletária, que se encontra a raiz para alguma compreensão de como funcionam os desejos dos homens brancos, que nunca se individualizam verdadeiramente, pois não concebem uma experiência existencial autônoma, sem uma escrava, sem uma mãe, sem uma terra para explorar e dela se servir.

O engenheiro ambiental Malcolm Ferdinand (2022), em seu livro *Para uma ecologia decolonial*, apresenta a ideia do "Oikos Colonial", traduzível como "a casa grande". Consiste, brevemente, em uma mentalidade racista dos movimentos ecologistas em conservar a terra, partindo de narrativas que preservam a tradição eurocêntrica de lidar com o planeta, transferindo a colônia servil para qualquer espaço ao segregar os racializados da conservação e proteção do *habitat*. "Assim, um evento considerado catastrófico em escala global é, em primeiro lugar, o que ameaça a reprodução deste lar, de sua composição étnica, social, sexual, de seu salário bem como suas maneiras de habitar a terra" (p. 181).

O que Krenak transmite em sua fala reflete uma ideia similar ao que Malcolm chama de Oiko Colonial, sendo o desejo de preservar o modelo branco-hegemônico etnocêntrico de habitar o mundo. Mesmo na necessidade urgente de salvar o mundo, existe a preservação dessa forma de viver. Logo, a perpetuação de si em um legado de milhões de anos na marca deste planeta, nas memórias de todos os seres sencientes, sejam eles humanos ou não. Como podemos defender um modelo sociopolítico e econômico em que apenas os brancos possuem direito à casa?

Mas, se enxergarmos que estamos passando por uma transformação, precisamos admitir que nosso sonho coletivo de mundo e a inserção da humanidade na biosfera terão que se dar de outra maneira. Nós podemos habitar este planeta, mas deverá ser de outro jeito. Senão, seria como se alguém quisesse ir ao pico do Himalaia, mas pretendesse levar junto sua casa, a geladeira, o cachorro, o papagaio, a bicicleta. Com uma bagagem dessas ele nunca vai chegar. Vamos ter que nos reconfigurar radicalmente para estarmos aqui. E nós ansiamos por essa novidade, ela é capaz de nos surpreender. Terá o sentido da poesia de Caetano Veloso na música "Um índio": nos surpreenderá pelo óbvio. De repente, vai ficar claro que precisamos trocar de equipamentos. E surpresa! o equipamento que precisamos para estar na biosfera é exatamente o nosso corpo (Krenak, 2022, p. 23).

Ao suspender em ideia, memória e imaginário a constituição futurística de herança fascista instaurada na cidade, quero, acima de tudo, apresentar a origem da ruína de nosso presente-futuro, assim como responsabilizar o sistema de pensamento citado pelas catástrofes históricas.

Nesses entremeios fictícios constitutivos do cenário moderno, é importante trazer em questão, além da ideia de conservação da Casa Branca, o que Malcom Ferdinand nomeou 'A dupla fratura' ou a 'Metáfora da Arca de Noé'. Lógica que estabelece aos 'racializados e colonizados os espaços psíquicos, físicos e sociopolíticos que são os porões do mundo', onde permanecem acorrentados ao navio-terra pós-apocalíptico, que se finda e afunda, enquanto os outros instauram seu *habitat* em Marte, na Lua, em algum ambiente liso e neutro.

Eis a dupla fratura, ou se coloca em questão a fratura ambiental desde que se mantenha em silêncio a fratura colonial da modernidade, de suas escravidões misóginas e de seus racismos, ou se desconstrói a fratura colonial sob a condição de abandonar as questões ecológicas. Entretanto, ao deixar de lado a questão colonial, os ecologistas negligenciam o fato de que as colonizações históricas, bem como o racismo estrutural contemporâneo, estão no centro das maneiras destrutivas de habitar a terra (Ferdinand, 2022, p. 30).

Seguindo esse caminho de pensamento, podemos observar que o planejamento das cidades do futuro, usadas como exemplo, em sua síntese ideológica intui apenas a conservação colonial. A princípio, trata-se de locomover uma forma de habitar preservada há 500 anos para o "novo mundo". Se o plano der certo, continuará daqui a 200 anos ou enquanto houver recursos para contornar as reverberações negativas. Atualmente, os croquis estão sendo erguidos. Em prol disso, mais buracos são escavados, cada vez mais fundos, nas terras indígenas, africanas ou nos abismos oceânicos para retirada dos metais transportados aos impérios da neutralidade.

Esses impérios são velozes, estão se erguendo sobre nossas cabeças, convertendo-se na extensão de nossos corpos, enquanto anseios profundos que invadem os sonhos, os medos e aproximam a catástrofe anunciada pelas luzes LEDs.

Certamente, todos os grupos humanos, dissolvidos ou ainda coletivizados, têm um desejo em comum programado na carne, no *modus operandi* do corpo ao arquivar informações tão antigas como a terra, a ciência sobre uma forma de pensar, de coabitar, de amar, de produzir objetos como extensão do sujeito; suas sensações, experiências advindas da presença. Independentemente das condições, estamos nos conservando e passando adiante. A resistência nos fez chegar até aqui; além disso, a história extensa tem camadas que ainda não foram conscientemente acopladas ao presente, estando apenas nos arquivos genéticos de tudo que é vivo.

Meu desejo em aglomerar tantas ideias repetidas massivamente é evidenciar fragmentos do caminho que fazem com que eu tenha me deparado com as imagens de catástrofe que invadiram meus sonhos.

Simultaneamente, fazem com que eu as queira converter em fabulações que forneçam um tempo a mais para perdurar.

### **Suspender perspectivas temporais ancestrais para fazer as pazes com o tempo. Como corromper os arquivos do nosso fim por meio dos sonhos?**

Acredito que nossa ideia de tempo, nossa maneira de contá-lo e de enxergá-lo como uma flecha – sempre indo para algum lugar –, está na base do nosso engano, na origem de nosso descolamento da vida. Nossos parentes Tukano, Desana, Baniwa contam histórias de um tempo antes do tempo. Essas narrativas, que são plurais, os maias e outros ameríndios também têm.

São histórias de antes de este mundo existir e que, inclusive, aludem à sua duração. A proximidade com essas narrativas expande muito nosso sentido de ser, nos tira o medo e também o preconceito contra os outros seres. Os outros seres estão junto conosco, e a recriação do mundo é um evento possível o tempo inteiro (Krenak, 2022, p. 103-104).

O medo impulsiona o afastamento humano do tempo cíclico. A tônica da sociedade ocidental é o medo do tempo, a corrida contra ele, em que o desejo da eternidade direciona a cultura de massa em seus impulsos inconscientes. Por isso, a ação de encarar as temporalidades estendidas utilizando outro esquema de valores é estratégica para corromper os arquivos do fim que invadiram o presente-futuro. Dentro disso, localizo o sonho como uma camada desse tempo eterno, tempo mítico<sup>7</sup> que historicamente nos fornece acessos, mapas e sinais. Apresento uma breve sequência de perspectivas temporais não ocidentais, diáspóricas e africanas, como caminho para descentralizar a linha do tempo e circular a rota da vida. Assim, há brechas de aproximação do sonho da dimensão de tempo que viabiliza transportá-lo simbolicamente para a camada cartesiana.

O eurocentrismo é movido pelo medo de não perdurar no tempo. No terceiro capítulo, proponho unir diferentes e complementares

<sup>7</sup> Tempo mítico refere-se a uma concepção de tempo que se encontra fora do tempo cronológico e histórico. É uma dimensão temporal que caracteriza as narrativas míticas, nas quais os eventos não seguem a linearidade comum do tempo, mas ocorrem em um "tempo outro", frequentemente associado ao início dos tempos ou a uma era primordial.

concepções temporais para não só localizar a origem da construção dos impérios metálicos do Ocidente, como também recuperar a possibilidade de leitura do tempo.

Nesse mesmo tempo, a lei regedora da terra ou a terra regedora do tempo é o que nos fornece a capacidade de sonhar. Logo, o sonho está no tempo, nos arquivos. Os sonhos na cidade, dos corpos na cidade, são rasos, transbordam medo; por isso, não são capazes de voar, ficam presos nas catástrofes guardadas enquanto futuros presentes ou prováveis. Como corromper esses arquivos de nossos fins manifestos nos sonhos?

O homem do Ocidente cria robôs pelo medo do mistério, sendo esse o medo da morte, logo seu próprio fim. A causa é o desejo de perpetuação e eternização do ser. Constrói-se dessa maneira o tempo devorador dos mortais. Poderia ser dito que parte dessa barbárie manifesta na estética do liso sugerida por Byung-Chul Han surge devido ao medo do perecimento histórico. Como bem apresenta Leda Maria Martins em seu livro *Performance do tempo espiralar*, a figura de Cronos representa uma síntese para compreensão da instauração hegemônica da experiência temporal.

De um caos-tempo indeterminado não medieval ou capturável em qualquer sequência, ordem ou linearidade, emerge Chronos, instituindo uma geração ordenada, consecutiva, mensurável e progressiva, de certa maneira identificável em uma forma caleidoscópica do simbólico, instituindo como convenção por um calendário de sucessões das divindades, já agora organizadas em uma forma sequencial determinada, protegida das atemporais formas e formações do caos (Martins, 2021, p. 15).

Na mitologia grega, uma das bases civilizatórias fundadoras do Ocidente, Chronos é o deus primordial do tempo, em seus aspectos destrutivos, que tudo rege e devora. Por medo de ser destronado, ele engole seus filhos antes de eles nascerem. Esse mito reflete características tendenciosas de um ser não humano, mas divino, que funda, a partir de sua inveja, alguns males que recaem sobre a terra: as Erínias (associadas à vingança e ao castigo sobre os mortais), os gigantes (seres associados à força e agressão) e as Melíades (ninfas belicosas), após a castração de seu

pai Urano. Esse mito demonstra um desejo de perpetuação no tempo que vai contra as leis universais da circularidade e mutabilidade, um temor pelo fim movido pelo anseio monopolizador do poder. Logo, Chronos pode facilmente ser associado a uma simbologia desafiadora em sua representação, manifestando uma concepção temporal gestada no antigo imaginário helênico.

Dito isso, gostaria de apresentar uma compreensão fundamentada na visão africana de mundo em que “a morte é um evento, um ato necessário na dinâmica de transformação e de renovação de tudo que existe, permitindo o movimento contínuo do cosmo e sua permanente renovação e revitalização” (Martins, 2021, p. 54). Isso demonstra que esse é um pensamento advindo do posicionamento de observação em face das dinâmicas do planeta Terra, seu funcionamento e as leis que aqui atuam. Isso afeta a relação com o todo, por gestar uma possibilidade de experiência no mundo que não tem medo do perecimento, considerando a vida mais do que a matéria. Como a relação com o tempo e a vida podem se tornar mais harmônicas e integradas?

Diante dessa conjunção de ideias geradoras das dinâmicas sociais dominantes, surge a necessidade epistêmica de posicionar pontos de partida que foram deslocados de seus centros territoriais e, assim, dispersos por toda a diáspora. A substituição do medo por saberes aptos a fornecer uma amplitude de repertórios capazes de deslocar o eixo do olhar e do sentir diante da vigente construção do mundo.

Ao considerar que há diversas experiências de relação com o tempo, o sonho não só como um hábito noturno, psíquico e corporal, mas também como espaço de desejo e processamento das imagens internas, pode ser visto como possibilidade para uma experiência temporal expandida, com influência direta na vigília.

Pensando de forma mais lúdica, o tempo imposto pela colonialidade e capitalização da existência é adoecedor, pois impõe a um sujeito que guarda em seu corpo e genética memórias de outros estados de vida, que integravam parte da natureza ao observá-la, senti-la, transformá-la juntamente com o movimento da terra, a prisão de uma

linearidade rígida. Mesmo estando inseridos nesse modelo social, os indivíduos agrupados em seus valores continentais revisitam em seus templos, terreiros, quilombos ou sonhos um ritmo originário de estar em contato com o tempo, refletindo a possibilidade de modificação da estrutura predefinida do tempo.

No que tange à memória, é necessário abordar a corporeidade vinculada à ancestralidade que cada indivíduo carrega. Na visão epistemológica africana, as cargas espirituais e psicoemocionais estão atreladas ao corpo-matéria; logo, a mente e o corpo circunscrevem essa lembrança escrita nos gestos. “O que na voz e no corpo transcreve, também é uma episteme” (Martins, 2021, p. 30). A mente abarca marcas pré-coloniais que se repetem há séculos nas diásporas, rompendo a invenção de cronologia ocidental que impede a união do passado ao presente. Cultuar a ancestralidade é sempre voltar-se para o passado; por isso, a matéria dos sonhos é a memória: ninguém sonha sem ter vivido (Ribeiro, 2019, p. 14).

Igor Kopytoff (2012), no texto “Ancestrais enquanto pessoas mais velhas do grupo de parentesco na África”, traz a organização estrutural dos cultos aos chamados bambuta (velhos) na África Subsaariana, especificamente os Suko, localizados em Kinshasa, no oeste do Congo. Aqui, os antepassados são associados a um poder mítico que é exercido dentro da sociedade, afetando diretamente a ordem dos vivos com suas intermediações para promoção da harmonia e, muitas vezes, até mesmo do caos motivado por uma justiça considerada necessária quando são convocados. Esse modo de organização de uma sociedade em que há o cruzamento de linhagens vivas e mortas no presente gera ruptura nas convicções do tempo como uma instância refém da linearidade, pois aqui se interpõem camadas que foram construídas pela lógica dominante para ser dissociadas.

Em concepções civilizatórias gerais do berço setentrional africano, segundo as pesquisas do filósofo queniano John Mbiti apresentadas por Eduardo Oliveira (2021, p. 48), o tempo é lido como um fenômeno que se movimenta mais para trás do que para frente – carregando consigo,

quando vinculado a um ser vivo, as memórias constitutivas de seu habitar no mover pendular do tempo entre passado e presente, tendendo à atualização necessária para adaptabilidade. Se o tempo, em suas frestas, pende para trás, coletivamente os povos da terra têm indicado em suas práticas e cosmovisões para onde se deve direcionar a barca da vida e a rota do olhar.

A rota do tempo ocidental é o futuro improvável, em que se encontram as soluções para as tormentas presentes. No tempo ancestral, organizado em torno da tradição, o futuro é o passado presentificado; logo, o tempo se volta primordialmente para o presente, no qual o chamamento da vida conduz às necessidades cotidianas, seguindo os ritmos naturais, sendo a rota solar a condução primordial que exige presentidade. Já o tempo nos sonhos apresenta uma possibilidade radical de experiências pelos trânsitos dimensionais que nesse espaço se fazem reais. As barreiras temporais se dissolvem em um dinamismo que foge das barreiras gravitacionais impostas ao corpo pelo planeta.

Mbiti, ao pesquisar sobre as concepções temporais das comunidades Kikamba e Kikuyu do Quênia, entende duas principais utilizações linguísticas. Compreende-se Sasa como um microtempo englobando as tarefas cotidianas, assim como o passado e um futuro próximo, constatável. Após o desencarne, o ser espiritual se mantém vivo executando em Sasa as tarefas de costume, o que lhe dava prazer, até mesmo referente a alimentos; dessa maneira, se mantém atuante dentro da comunidade. Partindo de práticas pertencentes a outro território, o hábito de alimentar os entes que partiram está presente, por exemplo, no culto aos ancestrais no Congo, entre os Suko, como já mencionado.

Na sepultura ou nos cruzamentos, os homens velhos ‘alimentam’ os mortos com certas comidas consideradas suas favoritas: tipos particulares de cogumelos da floresta e de raízes selvagens, vinho de palma, e algumas vezes mesmo mandioca – a base da alimentação Suku. Um pequeno buraco é escavado no chão e a comida é colocada nele. A comunicação com os mortos assume a forma de uma conversa monológica, padronizada, mas não estereotipada, e desprovida de fórmulas repetitivas. Fala-se da maneira em que se falaria com pessoas vivas (Kopytoff, 2012, p. 234).

Já o aspecto temporal Zamani se assemelha ao tempo mitológico. Tudo que foi criado pertence a Zamani, sendo compreendido como um macrotempo: "Zamani, o oceano no qual tudo mergulha" (Ribeiro, 1996). Um espírito só vai para essa dimensão temporal ao ser esquecido por sua comunidade, após a passagem de muitas linhagens. Esse marco tempo cósmico, em que o futuro ampliado também está englobado, é acessado coletivamente mediante rituais.

A experiência onírica frequentemente pode se apresentar mais próxima da compreensão do microtempo Sasa do que do tempo mítico, por mais que ambos estejam contidos um no outro em simultaneidade. Ao analisar sonhos corriqueiros, o conteúdo de seus acontecimentos pode ser mero processamento dos arquivos cotidianos ou manifestação dos desejos reprimidos, como há décadas a psicanálise tem acreditado.

Relacionado ao pensamento indígena referente ao tempo do sonho, Davi Kopenawa comunica o quanto o ser ocidental desaprendeu culturalmente sobre a ciência do sonho devido ao vício nas imagens de si, fazendo com que sonhe apenas com sua autorreferenciação:

Os napé pê não sabem sonhar, ou melhor, só sonham consigo mesmos, o que, em último termo, significa a mesma coisa dentro do pensamento yanomami, pois o sonho que realmente importa é aquele motivado pelos outros – ou, como veremos, são os outros que motivam os sonhos yanomami. Quem só sonha consigo mesmo nunca sai de si; e, nesse caso, o mundo se torna pequeno demais. Por não sonharem longe, os napé pê ignoram os pensamentos de outros povos e lugares e, portanto, não concebem outra forma de pensar que possa ir além daquela que eles experimentam. É por essa mesma razão que eles não conseguem ver a imagem das coisas e tampouco sonhar a floresta (Rocha, 2019, p. 39).

Neste momento, desejo investigar a conexão entre o tempo mítico dos sonhos e o macrotempo Zamani, considerando ambos dimensões sem limitações no acesso a informações e na comunicação com os ancestrais. Essa reflexão parte da possível distinção entre esses espaços, que se originam em diferentes culturas. O objetivo principal é compreender o ato de sonhar como um ritual humano cotidiano, que possibilita o acesso a tempos nos quais tudo está contido. Assim, o sonho pode ser visto como um ponto de partida para a vigília, realizando uma

transição entre a criação de mundos oníricos e a materialidade do cotidiano e vice-versa.

### **Os sonhos como caminho de retorno para a terra**

Eu atinei que tinha algo na perspectiva dos povos indígenas, em nosso jeito de observar e pensar, que poderia abrir uma fresta de entendimento nesse entorno que é o mundo do conhecimento. Naquele tempo eu comecei a visitar as florestas do Acre, de Rondônia, e, por todos os lados, os pajés diziam: “Vocês precisam tomar cuidado porque o mundo dos brancos está invadindo a nossa existência”. Invadindo. Na época eu ouvia os velhos como um espectador. Até que comecei a ter os mesmos sonhos premonitórios ao olhar as estradas, os tratores e as motosserras chegando; o barulho delas derrubando as grandes árvores, a revolta dos rios. Passei a ouvir os rios falando, ora com raiva, ora ofendidos. Nós acabamos nos constituindo como um terminal nervoso do que chamam de natureza (Krenak, 2022, p. 37).

Quando me propus a desenvolver este trabalho de mitopoéticas visuais oníricas, não imaginava que hoje me encontraria imersa nessas experiências na dimensão do sonho. Por mais que eu reconheça que elas sempre estiveram aqui, em momentos diferentes, com menor frequência. Vir morar na cidade do Rio de Janeiro trouxe-as novamente à borda de minha mente e meus sonhos. Hoje, meu espaço de produção, que chamo de laboratório de captação e retenção de imagens, foi tomado. Preciso fazer algo com isso. Estes escritos são os caminhos que tenho traçado.

Ao perspectivar o sonho como um território em que, durante a noite, se exerce uma jornada, posso especular que essa jornada busca algo que foi perdido em comum, capaz de ser a terra em seu aspecto material, do espaço de pertencimento unido a narrativas históricas localizadas nos terrenos sobrepostos, ou a terra interior, podendo ser um lugar de plantio e fertilidade vinculado à existência de cada ser em sua integridade. Afinal, o que sonham aqueles que vivem nas margens dessa civilização, os que lutam durante toda uma vida por espaço? Como são suas imagens de dentro?

Minha avó, uma mulher preta, mãe solteira de quatro filhos, à custa de seu trabalho como enfermeira, conseguiu conquistar a compra da

terra, para que toda uma família pudesse construir, estar unida e perpetuar seguramente suas vidas. Assim, têm-se multiplicado no subúrbio da cidade de Recife gerações de filhos, netos, bisnetos. A cada ano, essas construções são repensadas e remanejadas para que caibam mais pessoas. Minha avó recriou um quilombo que foi destruído pela história. A região desse terreno antes era um enorme mangue que foi aos poucos aterrado. Não era uma área propícia para que pessoas construíssem. Lembro da vista do fundo da casa de meu pai, as garças pousando na água e o manguezal ao fundo, todo um ecossistema único. Meus primos mais velhos iam pegar caranguejos que minha avó preparava com pirão. Nas épocas chuvosas, a casa era tomada por água até os joelhos, o que fazia com que tivéssemos um dia inteiro para mobilizar a limpeza dessa água suja, íamos escoando para fora. Com o passar dos anos, esses alagamentos têm piorado. Da última vez que pude visitar minha família, me deparei com ruas novas que foram erguidas sobre o mangue; a vista da casa de meu pai hoje consiste em diversas moradias não finalizadas. Na casa de meu pai não entrava água, hoje chega bem perto, e na de minha avó, continua acontecendo.

Em uma de minhas cenas de sonho, toda minha família estava em risco e suas coisas haviam sido destruídas por conta das fortes chuvas. Essa é a realidade da cidade, das populações que tiveram seu direito à terra negado; viver em áreas de risco que antes habitavam outros seres, outra forma de vida. Segue escrito de meu diário.

\*\*\*

*Sonho dia 26/01/24- Aparece nas notícias da TV que Recife vai sofrer alagamentos, que as águas estão subindo e muitas famílias já não conseguem sair de suas casas. O nível do mar estava subindo e rapidamente toda cidade estaria embaixo das águas. Ligo para minha tia Queu perguntando como estava a família, ela me diz que por enquanto estavam, mas que a água já estava entrando na casa. Pergunto se não teria como eles saírem de lá, virem ficar em minha casa no RJ, ela responde que a cidade está toda interditada, ninguém consegue sair. Nas próximas imagens de meu sonho as pessoas flutuam sobre objetos boiantes, entre lixos e pessoas já mortas. Comem coisas que estão sobre as águas, até mesmo peixes já mortos. Perco o contato, não sei o que acontece com minha família.*

Deixo a seguir alguns sonhos descritos; esses cenários de catástrofes repetitivas que têm invadido meus sonhos continuamente. Eles estão reescritos de maneira similar à que foram anotados em meu caderno de sonhos, apenas com algumas modificações para facilitar a compreensão de quem irá ler. Ressaltando que os sonhos geralmente são anotados de maneira bastante solta e sem detalhes, pois grande parte das vezes eu costumo me lembrar dos cenários apenas com algumas palavras-chave; de outros, mesmo tendo anotado, não me recordo; retirei também algumas informações devido à ausência de relevância para contextualização dos acontecimentos.

*-Sonho do dia 19/10/23 anotação*

*Sonho com enchentes em ladeiras, tento me salvar e ajudar outras pessoas, sentia como se houvesse muito lixo embaixo dos meus pés, todo meu corpo está coberto de água suja da cidade. Ouço tiros. Sinto que durante a noite absorvo toda a densidade da cidade e geralmente fujo dessas situações voando. Costumo colocar em minha mochila algumas coisas que considero importantes. Sobrevoo pelo mar onde vejo meu celular caído sendo arrastado de um lado para o outro pelas ondas; tento diversas vezes pegá-lo, mas não consigo. Peço para lemanjá que me devolva, de toda maneira entrou muita água, acabo colocando dentro de um pote de arroz. (Dizem que o arroz ajuda a tirar a água de eletrônicos)*

*-28/10/23 Sonho novamente com água; dessa vez elas não o invadem, mas se revoltam. Estou perto de um rio com muitas famílias ao redor; de repente a água começa a levar as pessoas embora. Existe uma espécie de ser, quase astral, que sai da água com ondulações cintilantes e leva as pessoas para dentro. Fujo com conhecidos para uma casa e lá ficamos. Outras coisas acontecem não acredito ser relevante contar*

*-20/11/23: Estou em um apartamento com lago (um amigo) o nível do mar está muito alto, tocando quase a beira do prédio, é um ambiente amplo e aparentemente empresarial, como se fosse um antigo escritório. A vista daqui é de outros prédios, com vidros estilhaçados por todas as partes, eu e lago tentamos bolar esquemas para sair dessa situação, fazemos comunicação com pessoas de outros prédios tentando passar cordas de um lado para outro e nos juntar...*

\*\*\*

Esses são poucos sonhos que escolhi apenas como maneira de elucidação, os mais recentes entre tantos outros.

Na guiança das águas que tudo invade, fabulo sobre outras imagens possíveis, movimentando a transposição desses cenários para a pintura, juntamente com a maleabilidade da matéria, da força dos desejos

de sobrepor a estética metálica construída pelo sistema de pensamento ocidental moderno. Por que encontro nos meus sonhos os medos que vibram nas memórias da terra? Como converter as ficções que se tornaram realidade?

Produzo imagens no agora para o futuro vindo dos tempos que foram circularizados pela possibilidade de transgressão da linearidade, que é o sonho.

### **Tenho temido pelo alagamento dos sonhos**

Ressimbolizar os cenários dos sonhos, quando necessário, implica compreender que algumas imagens são meros reflexos que podem fortalecer uma verdade inventada na qual temos acreditado por séculos. Transformar essas mensagens significa abrir-se para novos sonhos, transmutando-as em imagens de abundância.

No final, a imagem resultante de uma rede de atravessamentos não passa de um objeto de fabulação mitopoética, cuja centralidade reside no corpo de quem sonha, tendo o sonho como ponto de partida. Compartilho uma dessas produções, traduzida para pintura com a aplicação de miçangas.

A transposição desses acontecimentos para a pintura é um ritual que busca transformar uma ideia em sensação ou simbologia por meio do pensamento artístico, alimentado pela fluidez do pensamento que não se curva ao medo, realizando rituais atemporais no sonho e na imagem



pintada. Converter os cenários dos sonhos catastróficos em imagens que buscam equilíbrio é uma forma de invadir os arquivos pessoais e corrompê-los, criando mapas de correspondência sem fidelidade, ainda que tenham surgido da ideia central.

## Conclusão

Os cenários oníricos que refletem no mundo interior um reflexo da construção civilizatória ocidental são a concretude material e sutil de microinvasões aos corpos-território. Essas imagens vívidas dentro e fora de mim lembram-me de redirecionar minha barca, meu olhar de volta para a terra secularmente mutilada. Por isso, os sonhos têm me mostrado um caminho de retorno para a terra.

Todo este texto, repleto de palavras, busca encontrar ideias norteadoras de um novo sentido de existência. Talvez sejam vazias por não caber em outros formatos. A busca por uma reorientação é necessária, assim como elucubrações que indiquem algum caminho para desfazer o mal colonial da dominação de nossos espíritos.

Que este texto não fuja de seu propósito de escavar a história até o preto no fundo da terra, abrindo camadas para que seja possível ver outros lados que a vida do mundo pode ter. Reinventar-nos na história do futuro e do espaço, suspender outras memórias, mesmo que imaginárias, de uma travessia atlântica que não deixou em nossos corpos apenas as marcas do trauma.

Talvez tudo venha da inquietude dos silêncios instaurados em nossos corações. O silêncio nem sempre é sábio; às vezes, machuca toda uma geração. Esse silêncio no corpo, no gesto rígido sem prazer de estar no mundo, o silêncio do medo constante de perder. Em contrapartida, recapitula os fluxos de pensamento orgânicos, na presença possível de viver o agora de cada momento. No sonho, encontrar as possibilidades de caminhos para passar pelas brechas, corromper os arquivos.

## Referências

FERDINAND, Malcom. *Para uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

HAN, Byung-Chul. A salvação do belo. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2019.

KOPYTOFF, Igor. Ancestors as elders in Africa (ancestrais enquanto pessoas mais velhas do grupo de parentesco na África). *Africa*, v. 51, p. 129-142, 1971.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MARINETTI, Filippo Tommaso. O Manifesto Futurista. *Le Figaro*, 1909.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Trad. Maria da Graça J. Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

OLIVEIRA, Eduardo. *Cosmovisão africana no Brasil, elementos para uma filosofia afrodescendente*. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2021 (Trilogia da Ancestralidade v. 1).

RIBEIRO, Sidarta. *O oráculo da noite. A história e a ciência do sonho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. *Alma africana no Brasil: os iorubás*. São Paulo: Editora Oduduwa, 1996.

ROCHA, Hanna Cibele Lins. *O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami (Pya U-Toototopi)*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

WALKER, Alice. *A cor púrpura*. Tradução de Betúlia Machado. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

**Recebido em:** 20 de abril de 2024

**Aceito em:** 11 de junho de 2024